

**jazz<sup>pt</sup>**

Angrajazz 2023

## Jazz de carne e pedra

Texto **António Branco**

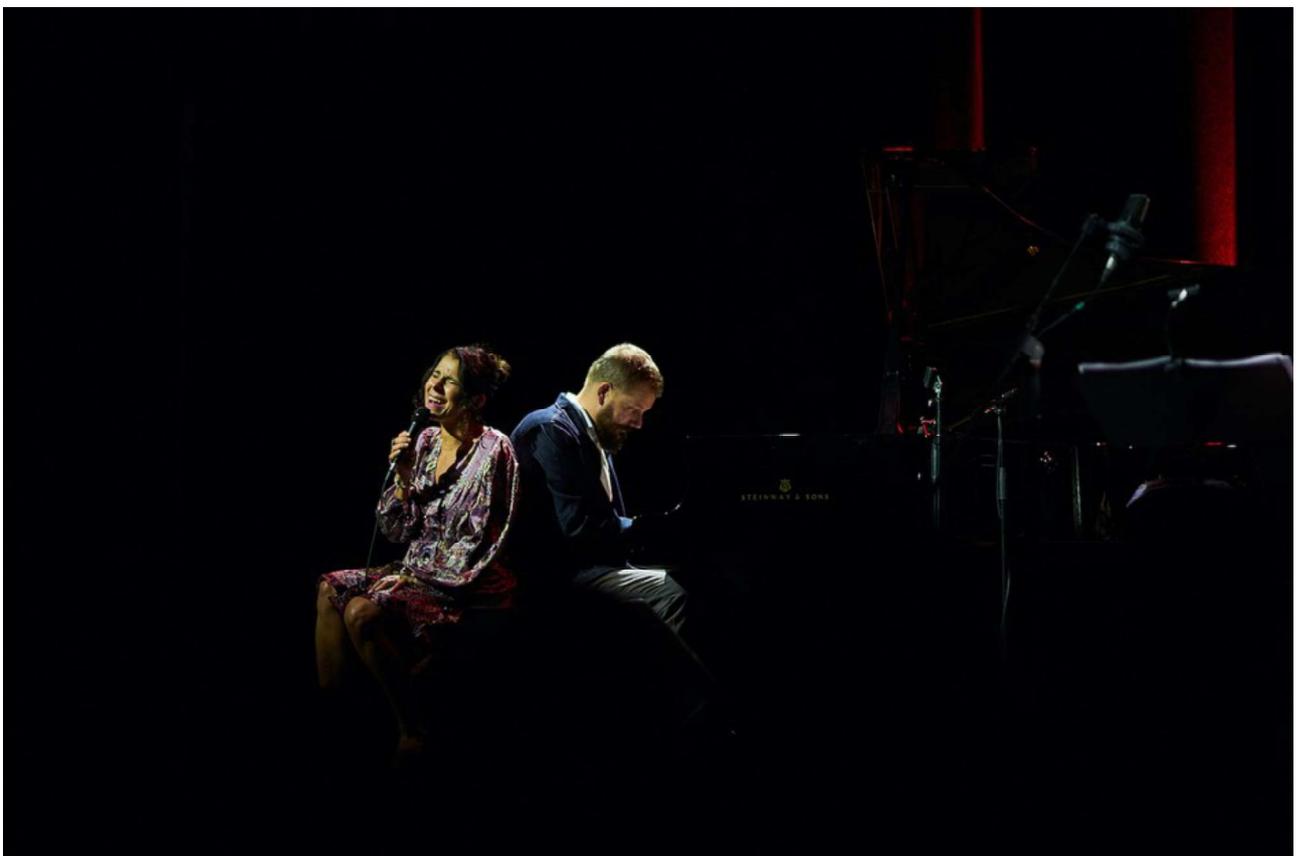
Fotografia **Rui Caria**

09 outubro 2023









**Entre 4 e 7 de outubro decorreu a 24.ª edição do Angrajazz - Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo. Ao pódio subiram o superlativo quarteto do saxofonista Immanuel Wilkins, o ensemble portuense Coreto e o trio de Ben Allison/Ted Nash/Steve Cardenas. A jazz.pt presta contas.**

Retomemos sem demora as palavras do escritor terceirense Vitorino Nemésio (1901-1978) – que hoje empresta o nome à principal via rápida que liga as duas principais cidades da ilha Terceira, nos Açores, Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, ambas com lugar cativo na História de Portugal: «Sou ilhéu; e, tanto ou mais do que a ilha, o ilhéu define-se por um rodeio de mar por todos os lados. Vivemos de peixe, da hora da maré e a ver navios...» No rescaldo da 24.ª edição do Angrajazz - Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo, que decorreu nos dias 4, 6 e 7 de outubro, acrescentaria: e de jazz. Organizado pela [Associação Cultural Angrajazz](#) desde 1999, o festival cimentou-se como um dos mais respeitados festivais de jazz nacionais, reforçando, ano após ano, a aposta num jazz de recorte clássico, ainda que abrindo portas a propostas mais ousadas. Para além dos concertos principais no Centro Cultural e de Congressos (a antiga praça de touros de Angra, em boa hora convertida em espaço cultural edificante), houve jazz em diversos locais da cidade património mundial com a iniciativa “Jazz na Rua”, *jam sessions* na Casa do Sal, masterclasses e sessão de trabalho com alunos de escolas de música.

As honras de abertura do festival couberam, como vem sendo hábito, à Orquestra Angrajazz, projeto de formação da Associação Cultural Angrajazz e que evolui para se tornar, hoje, a *big band* amadora mais longeva do país. Criada há duas décadas, e desde sempre dirigida musicalmente por Pedro Moreira e Claus Nymark (este ano ausente e a quem o concerto foi dedicado), a orquestra tem vindo a consolidar processos quer no plano coletivo quer no da proficiência individual, integrando novos músicos nas suas fileiras. O repertório da orquestra tem assentado sobretudo em *standards* e em composições dos mestres do jazz, anualmente refrescado. Este ano, a função iniciou-se com um morno “Bernie’s Theme”, de que se elevarem os solos de dois dos melhores músicos da orquestra: Paulo Borges no trompete e Rui Melo no saxofone tenor. As coisas aqueceram com a chegada do convidado especial, o vibrafonista Jeffery Davis, que desde logo alardeou toda a sua musicalidade em “Afternoon in Paris”, de John Lewis. À leveza de “Invitation”, *standard* de Bronisław Kaper, com um bom solo do trombonista André Ribeiro, seguiu-se o primeiro de um par de temas do bernal de Benny Golson, “Stablemates”, com o seu swing relaxado – o outro foi o eterno “I Remember Clifford”, com belíssima introdução de Davis, que se seguiu, numa opção conseguida, a “Jordu”, de Duke Jordan, que podemos escutar no essencial “Clifford Brown & Max Roach”, aqui com solos dos jovens trompetistas Tomás Reis e Guilherme Costa. Notas também para o curioso arranjo para “Footprints”, de Wayne Shorter (com quem Moreira colaborou em Nova Iorque nos tempos da gravação do álbum “Alegria”, em

1999/2000), com a orquestra a indagar o tema com foco e propósito. A energia transbordante de “The Jody Grind”, de Horace Silver, terminou um boa prestação no momento certo.

Após um sempre animado intervalo, a noite prosseguiu com a música elegante e sofisticada trazida pelo quinteto de Renée Rosnes, pianista e compositora de sólidos predicados e alguém que tem sabido beber dos gigantes para sintetizar uma abordagem pessoal e em permanente evolução. Depois de Rosnes confessar que não lhe apetecia deixar a ilha no dia seguinte abriu o concerto com “Galapagos”, peça resgatada ao álbum “Written in the Rocks”, de 2016, com uma introdução planante, até que o piano expõe o sólido motivo-base, secundada pelo *tandem* dos saxofones, que a secção rítmica não enjeita para lançar vivacidade. Bom solo de saxofone soprano de Steve Wilson (aqui mais contido do que noutras ocasiões). Tudo serena com a bela melodia de “For the Moment”, explorada por Rosnes, que vai adquirindo uma densidade que a saxofonista tenor Nicole Glover (parceria de Rosnes nas Artemis, formação que já este ano editou na Blue Note o muito recomendável “In Real Time”) aproveita para a primeira de boas intervenções; Peter Washington, exímio contrabaixista (parceiro de longa data das bandas de Rosnes), brilha a grande altura, até à reexposição do tema. A terceira peça trouxe um swing luminoso, com as cascatas de notas da pianista e a dupla rítmica a ferver em lume alto (com o toque portentosamente leve de um Carl Allen trajado a rigor), o único membro desta formação que tocou em “Kinds of Love”; solo altivo de Glover logo seguido de outro de Wilson, no saxofone alto. Fixaram ainda memórias o tocante lirismo de “Now”, original de Bobby Hutcherson, a convincente leitura de “Ba-Lue Bolivar Ba-Lues-Are”, de Thelonious Monk, com novo solo de Washington (que o baterista incentivava). “Diana”, tema que Wayne Shorter dedicou à filha de Flora Purim e Airto Moreira (íntegra “Native Dancer”, álbum de 1975) foi um mergulho no tempo até à estreia discográfica de Rosnes, homónima, com a participação do próprio Shorter), aqui evocado por Steve Wilson num bom regresso ao soprano. Do mais recente “Kinds of Love”, escutamos um colorido “Life Does Not Wait”, e, a fechar a rendição efervescente de “Isotope”, de Joe Henderson (com quem Rosnes começou a tocar pouco tempo depois de se ter mudado do Canadá para Nova Iorque), com o trio piano-contrabaixo-bateria num entrosamento telepático, a que se juntaram, à vez, os solos dos sopradores. Um belo concerto, de um quinteto sólido e que reverencia a tradição, mas não se deixa cercear por ela.

Após uma pausa para celebração da implantação da República (já lá vão 113 anos desde que Afonso Costa assomou à varanda da Câmara Municipal de Lisboa), o segundo dia do festival começou com o concerto (o 150.º do Angrajazz!) do supertrio do contrabaixista Ben Allison, com o guitarrista Steve Cardenas e o saxofonista Ted Nash, músicos que trabalham juntos há mais de duas décadas, e que colhem inspiração nas formações sem bateria que o saxofonista e compositor Jimmy Giuffre formou nas décadas de 1950 e 1960. E foi precisamente assim que a função começou, com o clássico “The Train and the River”, de 1958, verdadeiro emblema do repertório giuffriano, religiosamente interpretado. A limpidez da guitarra de Cardenas – que cria diferentes texturas sem

recurso a pedais ou outra parafernália tecnológica – , alia-se à sofisticação melódica de Nash e à segurança e inventividade de Allison para uma música de sobriedade intemporal. O trio apresentou então a primeira de três peças do lendário pianista e compositor Herbie Nichols, descobertas em casa de um primo afastado do misterioso pianista e compositor falecido em 1963 (cujo legado tem vindo a ser interpelado, em especial, pelo The Herbie Nichols Project, que esteve no Anrajazz em 2004, e não em 2005 como o próprio disse equivocadamente). O trio revisitou também peças de “Healing Power – The Music of Carla Bley”, disco de 2022, com destaque para a beleza imaculada de “Ida Lupino”, com notáveis solos dos três músicos, e a lindíssima rendição a esse monumento que é “Lawns”. De volta a Nichols para outra peça resgatada às areias do tempo, “She Insists”, escrita (se a memória o serviu bem) em 1957. Meticulosamente trabalhada, “Something’s Coming” de “Somewhere Else – West Side Story Songs”, de 2019, mostra como o trio trabalhou o musical de Leonard Bernstein. O fantasma de Nichols voltou a pairar em “Dig That”. Comunicação empática geradora de elegância, num concerto repleto de belos momentos.

O segundo concerto da noite ficou a cargo do Coreto, uma das formações mais interessantes surgidas no jazz nacional do século XXI e já com mais de uma década de valiosa atividade. Nascido no seio da Associação Porta-Jazz, fundamental sustentáculo da efervescente cena jazzística portuense, junta doze músicos sob a liderança do saxofonista, flautista, compositor e arranjador João Pedro Brandão. A formação apresentou na íntegra o mais recente “A Tribo”, um dos grandes discos nacionais da safra de 2021, o terceiro com música de Brandão, depois de “Aljamia”, de 2012, e “Analog”, de 2017. Obra dividida em sete partes, “A Tribo” bebe da fonte bigbandista, quer num plano mais ligado à tradição orquestral do jazz – com todo o lastro histórico associado (Ellington, Basie, Mingus, Jones/Lewis e outros) – isto é, articulações entre os naipes, com uníssonos e contrapontos judiciosamente estruturados, entrecortados por solos improvisados (o elevado calibre dos músicos em presença oferece infinitas possibilidades; disse-me o próprio Brandão em entrevista à jazz.pt: «começo a pensar nos músicos, no seu som e como posso combiná-los e encaixá-los, que centralidade terá cada um deles e em que momento»), quer num outro ligado a territórios sonoros de vanguarda, de pendor mais abstrato e textural, potenciando interações e dinâmicas entre as várias secções e o poder do *tutti*. A isto juntam-se elementos da música erudita contemporânea e de vários setores do experimentalismo. Este carácter multidimensional da música do Coreto ajuda a fazer luz sobre o que acontece nas várias peças, embora haja aqui uma camada de imprevisibilidade no que respeita ao rumo que a música irá seguir no instante seguinte; tudo isto acontecendo com uma naturalidade que desafia quem procure a descoberta. A viagem iniciou-se com “Parte I – Brotando da Terra”, marcada pelo trompete João Pedro Dias; a “Parte II – A Jornada” assenta num *groove* cortesia da secção rítmica que lança solos de Brandão e da dupla de trombones, Andreia Santos e Daniel Dias. Da “Parte III – Celebração” parece elevar-se um perfume *west coast*, com um belo solo do trompetista Ricardo Formoso. A bateria de José Marrucho injeta tensão ao introduzir a “Parte IV – Conflito”, que serve de mote para notável solo de José Pedro Coelho no saxofone tenor e para as angulosidades enigmáticas da

intervenção do pianista Hugo Raro. Momento alto do concerto foi a “Parte V – Faina”, canção de trabalho, com uma cadência que pontua o esforço (a que não faltam os gritos de incentivo), com jogos de ação e reação a emergirem da poderosa massa orquestral, húmus para um solo fulmíneo de Hugo Ciríaco no saxofone tenor. A “Parte VI – Contemplação” é mais planante, com AP a explorar efeitos eletrónicos a partir da guitarra, construindo elos entre as partes contíguas. As esferas alinham-se e a “Parte VII – Lar”, clímax da obra, não é tonitruante, mas um surpreendente exercício de redução à essência, com um solo pleno de lirismo do contrabaixista José Carlos Barbosa e outro do sempre eloquente Rui Teixeira no saxofone barítono. Obra complexa e desafiante, “A Tribo” funcionou perfeitamente ao vivo, num dos pináculos do evento.

O derradeiro dia do Angrajazz arrancou com o quarteto do saxofonista e compositor norte-americano Immanuel Wilkins, acompanhado pelo pianista Micah Thomas, o contrabaixista Rick Rosato e o baterista Kweku Sumbry. Com dois álbuns notáveis em nome próprio – “Omega” (2020) e “The 7th Hand” (2022) –, a música de Wilkins é feita de passado e de futuro, de inventividade e convicção. O seu saxofonismo multimodo é resultado do processamento de referências para destilar algo de muito pessoal, e que, de modo claro, ainda é um *work in progress*. O som que brota do seu saxofone tanto pode ser flamejante, como imensamente lírico nos tempos mais lentos. Nesta sua aparição açoriana, o saxofonista trouxe material novo, deixando água na boca para o que, eventualmente, aí virá em termos discográficos. Começou com “Apparition”, espiritualmente profunda, servida pelo piano etéreo de Thomas, Rosato a recorrer ao arco para aportar dramatismo e a percussão de filigrana de Sumbry. Logo depois, o quarteto atacou “The Big Country”, com uma primeira secção de piano (excelente), contrabaixo e bateria, a revelar altos níveis de interação e apurada cumplicidade; mas foi Wilkins quem gerou um abalo telúrico com o seu saxofonismo pleno de uma energia e intensidade tais que não ficou pedra sobre pedra. A atmosfera serenou com “Motion”, com o saxofonista de novo a voar alto, sobre notável grelha harmónica engendrada pelo pianista (domínio em que se revela ideal para atapetar as deambulações de Wilkins) e com a dupla rítmica sempre a acrescentar graus de liberdade. “Pressure”, outro tema novo, foi aqui interpretado em conjunto pela segunda ou terceira, tal como o saxofonista revelou aos presentes. A grande prestação do quarteto terminou com uma balada cuja melodia ainda ecoa na memória. Immanuel Wilkins continua a sua jornada aos ombros dos gigantes para chegar mais alto: o futuro do jazz está a passar por aqui.

O encerramento dos concertos principais coube ao grupo liderado por Vivian Buczek, cantora nada e criada em Malmö, Suécia, filha de músicos de jazz polacos. A inclusão de cantoras de veia “tradicional” é uma imagem de marca do festival e um trunfo seguro para conquistar um público fiel: ao longo das sucessivas edições do Angrajazz por aqui passaram figuras relevantes do jazz vocal feminino, de Sheila Jordan a Cécile McLorin-Salvant, passando por Dena DeRose, René Marie, Jane Monheit ou Samara Joy. Mas o que se escutou desta vez com Buczek foi uma desilusão, em particular se cotejado com o que lhe conhecemos em disco. A cantora, com uma

carreira de duas décadas, pareceu estar desconfortável, o que acabou por se refletir em dificuldades de afinação e num scat quase sempre desinspirado. Do grupo de músicos que a acompanhou – três suecos (o pianista Martin Sjöstedt, o saxofonista Karl-Martin Almqvist e o baterista Adam Ross) e um dinamarquês, (o contrabaixista Jesper Bodilsen, que regressou treze anos depois de ter pisado aquele palco ao lado do pianista italiano Stefano Bollani) – foi Bodilsen quem logrou a prestação mais conseguida, seguro no acompanhamento e inventivo nos solos (na veia do contrabaixo “cantor” de um Arild Andersen, por exemplo). O repertório escolhido para a ocasião, baseado no seu álbum mais recente, “Roots” (2021), com arranjos assinados pelo pianista, um *bopper* dos quatro costados, foi abrangente e incluiu standards como “Yesterdays”, de Jerome Kern, com o saxofonista a solar bem, “Waltz for Debbie/ Monicas Vals”, de Bill Evans (este último com partes cantadas em sueco), ou “Devil May Care”, com *drive* rápido e um bom solo de Sjöstedt. Escutou-se uma versão pouco convincente de “Throw it Away”, da enorme Abbey Lincoln, uma outra não mais acertada de um emblema de Stevie Wonder, “Visions”, e de “The Jody Grind”, a mesma composição de Horace Silver com que a orquestra Anrajazz terminara o seu concerto três noites antes. Houve também ensejo para temas originais seus, como um iniciático “Fly Away” (a primeira canção que escreveu, quando tinha 15 anos) ou “Better Days Ahead”, peça otimista escrita sob o signo da pandemia. O melhor da prestação da cantora aconteceu em dois temas lentos, nos quais pareceu sentir-se mais à-vontade: primeiro “Nature Boy”, popularizado por Nat King Cole, e, guardado para o final, “Prelude to a Kiss”, momento emotivo dedicado ao pai, trombonista, já desaparecido. Vivian Buczek vale bem mais do que isto; teremos mesmo de voltar aos discos para fazermos as pazes.

A 5 de outubro, dia de descanso da programação principal do Anrajazz, e à margem do festival, a jazz.pt esteve presente, ao final de uma tarde chuvosa, na festa que assinalava o primeiro aniversário da loja de discos Sound Store, na baixa angrése, com um *dj set* de jazz (exclusivamente com recurso a vinis de 45 rpm), a cargo de Rui Miguel Abreu (antigo colaborador desta revista, com a coluna “Jazz Bridges”).

Nessa mesma noite a *jam session* decorria animada com quarteto-base – um *spin-off* do Coreto, formado pelo trompetista Ricardo Formoso, o pianista Hugo Raro, o contrabaixista José Carlos Barbosa e o baterista José Marrucho – quando alguém roubou a cena. A surpresa não o chegaria a ser se Artur, um menino de apenas cinco anos, se mantivesse ao colo do pai, de olhos e ouvidos colados à música que se fazia a dois metros de si. Mas aconteceu quando se sentou à bateria para, com impressionante desenvoltura e sentido de tempo, deixar os presentes boquiabertos. Integrou-se de forma natural, acatando as dicas que lhe dava o contrabaixista José Carlos Barbosa. A jazz.pt indagou e ficou a saber que os pais pediram para que Artur pudesse assistir a ensaios da orquestra Anrajazz para que fosse absorvendo o que lá se passa. Veremos os caminhos que trilhará.

A jazz.pt testemunhou também alguns momentos da iniciativa “Jazz na Rua”, que aconteceu em vários espaços da cidade património mundial, nomeadamente no dia 7 de outubro no Café Verde-

Maã (na rua Direita, que desemboca na histórica Igreja da Misericórdia), com a mesma formação que animou a *jam session* na Casa do Sal no dia 5.

E assim se conclui mais um Angrajazz. Ao pódio subiram o sempre entusiasmante quarteto do Immanuel Wilkins, ainda em claro processo ascensional, o trio Ben Allison/Steve Cardenas/Ted Nash, mestre na revisitação criativa de legados históricos, e o *ensemble* portuense Coreto, formação na linha da frente do jazz mais estimulante que se faz em Portugal.

Agendas a postos pois a edição 25 já tem datas marcadas: 2, 3, 4 e 5 de outubro de 2024.

*A jazz.pt viajou a convite da Associação Cultural Angraazz.*